



A voz crítica de Cecília Meireles em Romanceiro da inconfidência

The critical voice of Cecília Meireles in Romanceiro da inconfidência

Herbert Sousa de Araujo

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná/ Brasil

herbertsousadearaujo@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-4719-0820>

Rosângela de Melo Rodrigues

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, Paraíba/ Brasil

rosangelamelo568@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-5104-5116>

Resumo: Durante muito tempo, as produções literárias de autoria feminina foram encaradas com estigma, sendo rotuladas pelo caráter intimista. As escritoras que fugiam à essa ordem tinham as obras analisadas como marcadamente “masculinas” ou eram ofuscadas em detrimento de outras criações. Algo semelhante pode ser observado na biografia de Cecília Meireles, conhecida por sua poesia de tom pessoal, mas pouco lembrada por sua voz crítica e reflexiva. Sendo assim, temos como objetivo analisar alguns poemas com temáticas políticas e sociais presentes no livro *Romanceiro da Inconfidência* (1983). Para tanto, temos como base teórica os estudos de Gotlib (2003), Goldstein (1998), Maxwell (1989) e Carvalho (1990). Em perspectiva geral, verificamos uma poeta consciente, contribuindo ricamente com o pensamento crítico nacional.

Palavras-Chave: Literatura de autoria feminina; História; Política e Sociedade; Cecília Meireles.

Abstract: For a long time, literary productions of female authorship were faced with stigma, being labeled by their intimate character. The writers who escaped this order had their works analyzed as markedly “masculine” or were overshadowed to the detriment of other creations. Something similar can be observed in the biography of Cecília Meireles, known for her personal poetry, but little remembered for her critical and reflective voice. Thus, we aim to analyze some poems with political and social themes present in the book *Romanceiro da Inconfidência* (1983). For this, we have as our theoretical basis the studies

of Gotlib (2003), Goldstein (1998), Maxwell (1989), and Carvalho (1990). From a general perspective, we see a conscious poet, contributing richly to national critical thinking.

Keywords: Literature of female authorship; History; Politics and Society; Cecília Meireles.

1 Introdução

Não é novidade que a literatura, assim como qualquer outro produto social, foi influenciada pelas relações de gênero. Ao longo dos anos, o mercado editorial foi sendo composto majoritariamente por homens que se enquadram nas categorias normativas: brancos, héteros e de classe média alta ou ricos. Em seu estudo sobre um mapeamento da literatura brasileira, Regina Dalcastagnè (2012) constata essa afirmação. Embora enfatize que nos últimos anos houve um aumento de vozes minoritárias em nossa produção literária, a pesquisadora não deixa de chamar atenção para o fato de que ainda estamos longe de estabelecer números iguais. A diversificação na literatura é importante para romper com os estigmas e permitir que todos possam falar sobre as questões sociais e individuais, porque além de encontrarem dificuldade no acesso à produção literária, as mulheres sofriam limitações quanto ao conteúdo. Portanto, ao reconhecermos o silenciamento histórico que foi imposto sobre as mulheres, não só no meio artístico, mas em todo o contexto político-social, queremos recuperar uma de nossas autoras mais queridas. A princípio pode parecer fora da curva falar em silenciamento e evidenciar uma autora já consagrada. Entretanto, o que pretendemos neste trabalho é trazer à tona a voz de uma mulher que ainda no século XX ousou falar de política e questões sociais em sua obra, mas acabou não sendo lembrada por esses feitos.

Cecília Meireles foi uma das grandes poetisas de nossa literatura. Carioca, nascida no ano de 1901, formou-se professora primária e também atuou como professora universitária. Sua vida pessoal foi marcada por perdas. Nunca conheceu o seu pai, perdeu a mãe ainda criança e passou a viver com a avó. Posteriormente casou-se com Fernando Correia, com quem teve três filhas. Anos depois Fernando cometeu suicídio. Depois desse fato, Cecília tentou recomeçar e se relacionou com o professor e engenheiro Heitor Vinícius. É fato que tais eventos marcaram a trajetória de Cecília, como geralmente marcariam a vida de qualquer outro sujeito. A construção da

subjetividade está pautada nessas relações sociais, nas perdas e nos ganhos que temos. E também é fato que esses acontecimentos se fizeram presentes em sua poesia, pois a poética da experiência é evidente nos seus escritos.

Aliás, muito conhecida exatamente por seus versos mais pessoais, a escritora teve seu trabalho rotulado como intimista e até mesmo pessimista, como bem pode ser observado em *História Concisa da Literatura Brasileira* (2017), do crítico Alfredo Bosi. Aprendemos desde cedo nos livros didáticos sobre esses traços de sua poesia e até mesmo no ensino superior esse estigma é muitas vezes reafirmado. No entanto, entre suas produções se encontra *Romanceiro da Inconfidência* (1983), obra composta no próprio gênero do romanceiro, isto é, uma coleção de poemas com viés mais popular, remetendo ao cancionero. Nesta obra, Meireles recupera dados históricos, políticos e sociais de nosso país, revelando que as injustiças e a ganância dos homens não são nenhuma novidade.

Nesse sentido, retomamos a ideia anterior de silenciamento: ao lançar um estigma sobre a poesia de Cecília, a nossa história literária lhe deve um reparo. Também sabemos que já existem trabalhos sobre esta obra, mas ainda se faz necessário evidenciar a autora como uma produtora crítica e que mesmo não falando em específico do seu tempo no citado livro, traz toda uma conjuntura histórica que deixou marcas até o presente momento e que está longe de ser sanada. Se as mulheres não podiam adentrar o espaço literário com facilidade, tinham menos espaço ainda para falar sobre essas questões históricas e políticas: esse era um lugar reservado aos homens.

Ao enfatizar apenas as produções mais intimistas ou românticas, a história literária acaba silenciando a voz crítica e política de nossa poeta. Sendo assim, cabe a nós que fazemos crítica recuperar não só essa voz, mas a de muitas outras mulheres. Desse modo, o nosso objetivo é mostrar como Cecília, em um tempo menos aberto que o nosso, não só fez literatura como tocou em questões que não deveriam pertencer ao “universo feminino”. Para tanto, faremos uma análise de alguns poemas, tomando como base aqueles que mais apresentam características históricas, políticas e sociais.

2 A mulher na literatura brasileira

Segundo Gotlib (2003), a formação do papel da mulher na sociedade brasileira está fortemente ligada aos processos históricos, carregados de injustiças sociais e preconceitos. Nessa direção, a pesquisadora nos

apresenta a situação em que viviam as mulheres no começo de nossa colônia. As brancas se encontravam em uma espécie de isolamento social, no qual exerciam funções exclusivamente domésticas, desenvolvendo suas habilidades de regras de etiqueta, para que conquistassem o *status* de damas. Enquanto as mulheres negras trabalhavam em diversas áreas, majoritariamente trabalhos desumanos e cruéis, para tentarem sobreviver. A nossa sociedade se pautou nesta relação durante muitas décadas, oprimindo as mulheres brancas e principalmente as negras. Pouquíssimas mulheres tinham acesso à educação e conseqüentemente poucas tinham a oportunidade de desenvolver as habilidades de escrita. Isso ocorria, porque pairava a ideia de que uma função muito intelectual deveria ser desempenhada pelos homens. Não abriam espaço para que estas mulheres falassem e ainda incutiram o pensamento de que acabariam fazendo um uso inadequado da escrita. Se para as brancas e damas da sociedade já era difícil tentar adentrar esse ambiente, as negras tinham de enfrentar ainda mais obstáculos.

Em 1827, as mulheres que se encontravam nas classes altas conquistaram o acesso à educação. Mas Gotlib chama atenção para o fato de que o ensino ofertado neste espaço não abrangia questões mais críticas e reflexivas, na verdade, se ancorava em especificidades mais simplistas. Como era normal que as mulheres se casassem muito novas, não teria necessidade de expandir os conhecimentos, tendo em vista que em breve teriam de se ocupar com as atividades do lar. Percebendo que poderiam aprender bem mais do que lhes era ofertado, muitas dessas mulheres embarcaram no movimento que exigia mais direitos, porém tomando precauções para que não fossem afetados os papéis tradicionais de *dona de casa e mãe*. Sabemos que até hoje essas qualificações ainda são dadas às mulheres, tornando desajustadas aquelas que não realizam tal performance. Mas também é importante lembrar que essa ideia instaurada durante séculos escondia a intenção de fazer com que as mulheres continuassem dependentes dos homens, sem conhecimentos sociais e até mesmo individuais, já que toda a estrutura social estava fincada nesse arquétipo.

Mesmo com inúmeras restrições e limitações, Gotlib aponta que começaram a surgir alguns nomes em nossa literatura, mesmo que isolados. Sendo uma das pioneiras, Nísia Floresta (1810-1885), trazia em seus escritos uma abordagem feminista, exigindo a ampliação dos direitos e assegurando a importância da inserção na educação. A partir daí outros nomes começaram a aparecer com mais frequência, embora ainda muito aquém do que deveria. A

pesquisadora também ressalta que muitas mulheres que emergiam no cenário literário, ainda traziam marcas dos cânones, não ousavam se distanciar. Aquelas que tentavam fazer esse movimento eram cerceadas e a crítica da época ressaltava o lado esposa e mãe, como aconteceu com Gilka Machado (1893-1980).

Sendo assim, mesmo quando conseguiram entrar no espaço literário, tinham de enfrentar a censura, que as impediam de se manifestar de um modo diferente daquele que não fosse o idealizado. Com isso, se fincou na crítica a ideia que havia um modo feminino de fazer literatura. Castelo Branco (2004) vai investigar esse modo por meio de dois aspectos: *a dicção feminina e a escrita feminina*. O estudo baseava-se em catalogar, procurar marcas linguísticas e textuais que aparecessem com maior frequência nas obras escritas por mulheres. Segundo a autora, traçaram como características as temáticas líricas e amorosas, o uso excessivo de adjetivos, as hipérboles, os termos com conotação sexual. Porém, ela enfatiza a inconsistência e a fragilidade dessas marcações, já que estão relacionadas ao sexo e não ao gênero construído cultural e socialmente. Além de que se cria um estigma de que toda a literatura escrita por mulheres deve necessariamente se apresentar desse modo.

É exatamente com o intuito de apresentar um lado menos conhecido de Cecília Meireles que iniciamos esta pesquisa. Mesmo aparecendo em uma era que já não se estranhava tanto a presença de uma mulher nos jornais e na literatura, se esperava que essa tivesse um papel ainda tradicional. A fala da mulher nunca deixou de sofrer ataques tentando limitá-la. Dessa forma, o *Romanceiro da Inconfidência* se destaca por realizar um movimento político e social, fugindo do esperado.

3 A Inconfidência na história e no Romanceiro

Maxwell (1989) faz um mapeamento histórico sobre o que seria e o que levou a formação da chamada Inconfidência Mineira. Em sua abordagem, o historiador afirma que não lhe agrada o uso do termo *inconfidência*, pois vem dos donos do poder, não sendo uma designação que venha da oposição. Com isso, ele prefere tratar o fato histórico por conjuração. Em um primeiro momento do estudo há uma explanação sobre a situação econômica do Império. Com a queda na arrecadação do ouro, mesmo tendo uma boa exportação de fumo e algodão, a Coroa Portuguesa passou a cobrar mais impostos das capitânicas. Sendo a capitania das Minas Gerais a mais rica daquele momento, o aumento de imposto ficou mais rígido, despertando a grande revolta da elite econômica de Minas Gerais.

Em segundo momento, o historiador traz a situação econômica da própria capitania das Minas Gerais. Era de fato a capitania mais rica do país na época, entretanto, a migração da população para o sul, a expansão da pecuária e da monocultura fizeram com que houvesse um decréscimo na arrecadação do ouro e do diamante, suas principais fontes de renda. A conjuração como chama Maxwell foi o estopim de uma relação que já vinha sendo afetada tempos atrás. Antes desse movimento existiram outros contra os abusivos impostos cobrados pela Coroa, como a *Revolta de Vila Rica* (1720). Mas foi a conjuração do final do século XVIII que mexeu com as estruturas do império e ficou marcada para sempre na história do Brasil. Vale lembrar que a Conjuração ou a Inconfidência, como ficou conhecida, não foi uma luta popular, muito pelo contrário, eram os ricos quem comandavam, eles que exigiam a separação da capitania das Minas para não precisarem pagar os impostos cobrados. A população pobre, principalmente os escravizados, não teriam mudanças significativas em suas vidas, pois teriam de continuar trabalhando em busca do ouro dos seus patrões ou donos. Então vejamos que não há de fato uma revolução para o bem da população em geral, mas há um conflito econômico entre as classes ricas do império.

Em seu último momento, o estudo aponta para a derrota dos conjuradores, tendo em vista que os seus planos foram descobertos pela Coroa que agiu brevemente para a sua desarticulação. De fato, a revolução não aconteceu, muitos dos líderes do movimento foram presos, recebendo perdão posteriormente.. Entretanto, um desses não teve o perdão concedido e acabou sendo levado à morte em praça pública: Tiradentes. Enforcado no dia 21 de abril de 1789, Tiradentes foi esquartejado e partes de seu corpo espalhado pela estrada.

No que diz respeito ao mártir Tiradentes, Carvalho (1990) vai dizer que era necessário para o movimento a figura de um herói, que não fosse símbolo apenas daquele momento, mas que marcasse a história da nação e da República. De acordo com o historiador, a figura do herói simboliza o poder, as encarnações das ideias e aspirações, serve como um ponto de referência para a identificação coletiva. Exatamente por isso, um herói se fazia necessário para a construção da República, já que faltava o envolvimento real do povo, a compensação simbólica em torno de uma figura ganhou força. Mas como o próprio Carvalho nos apresenta em seu texto, encontrar esse herói não foi uma tarefa fácil, havia vários candidatos ao posto, como por exemplo, Deodoro, Benjamin Constant, Frei Caneca e o próprio Tiradentes.

Em meio aos pretendidos ao cargo, Tiradentes ganhou destaque. Entre os critérios de aceitação estavam a sua localização geográfica, sua construção de herói sereno e uma certa aceitação popular. Houve uma recuperação da imagem do conjurador mineiro, visando sua imediata ligação ao regime republicano. Sendo assim, ele foi eleito como esse grande mártir, a figura que morrera como vítima, como o portador das dores e dos sonhos de um povo. Toda a construção narrativa da história, segundo o próprio Carvalho contribuiu para que houvesse uma aproximação entre Tiradentes e Jesus, ambos mártires que doaram sua vida em nome de algo maior: o povo. Quando na verdade, o movimento não tinha essa intenção real com o povo, como vimos acima. Mas de fato a história aproximou os dois e fez com que Tiradentes fosse um símbolo. Tal aproximação é tão forte que é comum verificarmos a imensa semelhança nas caracterizações entre Cristo e o mártir da conjuração. Sua morte virou o maior acontecimento da conjuração, sendo lembrada como um feriado nacional

Foi tendo como base essa saga brasileira que Cecília realizou uma de suas maiores obras, entrando em questões políticas e sociais.

4 A Inconfidência nos versos de Cecília

Publicado pela primeira vez em 1953, *Romanceiro da Inconfidência* recupera muitos dos dados históricos abordados no tópico anterior e transforma em literatura. Cecília faz um mergulho na história e traz à tona personagens importantes do movimento. É bom ressaltar que o seu texto é literário, embora esteja ancorado em acontecimentos reais, não tem a intenção de se tornar histórico ou totalmente verídico.

Produzido no gênero romanceiro, Cecília busca inspirações nas canções de caráter popular. Segundo Coelho (1960), o romance era definido como um breve poema épico, voltado ao canto e transmitido oralmente. Essa articulação entre romance e música ganhou força nas colheitas e se popularizou. Com tradição ibérica, surgiu na Idade Média e tinha como intuito cantar um tema central. É importante lembrar que embora receba o nome de romance, não deve ser confundido com o gênero em prosa. Soares (2007) também lembra das canções em forma de romance que possuíam liberdade formal e uma variedade de temas. Sendo assim, o romanceiro se espalha pelo mundo como um gênero que em forma de poesia, narram algum acontecimento ou assunto.

É justamente ancorada nesse gênero que a poeta busca narrar as causas da inconfidência e as suas consequências. Cecília apresenta sua produção com 107 poemas, 85 deles são intitulados de romances e divididos em partes. Os outros poemas são chamados de cenário ou fala e abrem estas seções. Como o romanceiro tem uma estrita ligação com a música, a sonoridade dos poemas é fundamental, e sendo Cecília uma poeta muito atenta ao léxico e ao ritmo dos versos, *Romanceiro da Inconfidência* é uma de suas obras mais célebres nesse quesito. Tanto é que o próprio Bosi, aqui já citado, utiliza fragmentos do livro para comprovar tal qualidade. Mas a Cecília, grande construtora de imagens e sons, já é bem difundida e conhecida, o que queremos é evidenciar o seu lado crítico e consciente.

Além disso, queremos também colocar em destaque a própria obra, que durante anos não recebeu o *status* que merecia e acabou ficando na sombra de outras grandes produções da autora. Vale ressaltar que mesmo sendo publicado em 1953 - durante a terceira fase do modernismo, caracterizada por sua vertente mais social e humana - *Romanceiro* não costuma aparecer entre as obras que tiveram êxito nesse período.

5 Os aspectos políticos e sociais em *Romanceiro da Inconfidência*

Segundo Candido (1985), a literatura, como um fenômeno de civilização, é condicionalmente dependente dos vários entrelaçamentos sociais. Sua constituição e caracterização estão relacionadas diretamente aos eventos que surgem no organismo social. Para o sociólogo e crítico literário, essa conexão entre trabalho artístico e realidade ocorre de maneira arbitrária, isto porque mesmo quando se propõe a observar e transpor o real, a literatura se segura na mimese, que acaba sendo sempre uma forma de *poiese*. Por isso, também já ressaltamos que tal obra aqui estudada não tem a pretensão de ser um texto histórico, preso literalmente aos fatos como eles “realmente foram”. Ainda de acordo com Candido, o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e principalmente suas ideias, pois fornece recursos que atuam com o intuito de validar o seu efeito sobre nós. A obra seria um organismo que está condicionado e motivado pelos fatores sociais, sendo o estudo sociológico da literatura uma ferramenta de compreensão da própria criação.

Ao abranger questões sociais e políticas, Cecília mexe inevitavelmente com a história. Sendo o livro produzido no século XX e o acontecimento ocorrido no século XVIII, há um longo período que os distanciam e conseqüentemente faz com que a poeta recorra aos dados históricos consagrados.

Benjamin (1987) nos diz que articular historicamente o passado, não significa “conhecê-lo como de fato foi”, mas entender que o tempo não é vazio nem homogêneo e que a história foi narrada e contada pela classe dominante. Nesse sentido, ele aponta que os sujeitos do conhecimento histórico são aqueles que compõem a própria classe combatente e oprimida. Hutcheon (1991) faz movimento parecido, ao evidenciar que as novas narrativas - e aqui podemos transpor esse estudo para a poesia - que se pretendem históricas, englobam a multiplicidade da história e permitem que sujeitos antes excluídos se apresentem.

Tendo como base tais preceitos, nos detemos a olhar para a obra de Cecília considerando evidenciar as questões sociais, políticas e históricas que aparecem. Entendendo que tais aspectos lhe são inerentes e que há uma enorme quantidade de poemas, não dispomos de ferramentas para analisar todos neste momento. Para tanto, fizemos um recorte considerando os poemas da chamada *Parte I*. Tal escolha se deu por entendermos que os versos que compõem essa seção apresentam a capitania das Minas Gerais e conseqüentemente a Vila Rica, além de expor os motivos para que a conjuração explodisse e principalmente porque fala dos escravizados que exerciam o papel mais difícil e árduo, mas que ironicamente não estavam na linha de frente da chamada “revolução”, já que os interesses conflitantes eram os da elite.

Ainda fazendo uma delimitação mais precisa dos poemas, já que a intitulada *Parte I* é composta por uma outra dezena, nos restringimos àqueles que apresentam com maior frequência os aspectos já ressaltados. Dentro desse universo consideramos evidenciar quatro poemas que serão analisados a seguir. O primeiro poema a ser analisado também é o primeiro do livro e está intitulado como *Fala Inicial*. Como os poemas possuem uma extensão considerável, já que narram uma história, traremos fragmentos que permitam contemplar a nossa análise:

Não posso mover meus passos,
por esse atroz labirinto
de esquecimento e de cegueira
em que amores e ódios vão:
- pois sinto bater os sinos,
percebo o roçar das rezas,
vejo o arrepio da morte,
à voz da condenação;

- avisto a negra masmorra
e a sombra do carcereiro
que transita sobre angústias,
com chaves no coração;
- descubro altas madeiras
do excessivo cadafalso
e, por muros e janelas,
o pasmo da multidão.
(MEIRELES, 1983, p.13)

Em sua estrofe de abertura, Cecília Meireles começa apresentando o momento mais marcante da conjuração mineira, a flagelação e o enforcamento de Tiradentes. A poeta recupera logo de início esse fato, marcando o conteúdo do que se seguirá nos próximos versos. Vejamos que há uma descrição muito poética do acontecimento, embora carregada de melancolia. Como bem lembrou Benjamin, não é possível falar do passado como ele de fato foi, mas é possível relembrar, se aproximar. Ao criar tais versos, Meireles nos coloca diante de um dado verídico, mas com uma intenção mimética. Evidentemente que a condenação do mártir da inconfidência mexeu com a população local e foi assistida por inúmeras pessoas, já que era em praça pública e a Coroa fazia questão de que servisse como lição. Mas aqui não há apenas uma descrição, há uma rememoração, os versos tentam nos aproximar daquele momento ao explicitar as emoções dos povos nas ruas, os sentimentos de angústia, medo e principalmente da morte. Ao trazer o universo histórico para a poesia, a autora logo na abertura nos traz uma construção precisa, acertada em ritmo e melodia, mas traz principalmente uma história já tão conhecida em uma roupagem totalmente diferente.

Ainda seguindo com o mesmo poema, temos outra estrofe que merece o nosso destaque:

Ó meio-dia confuso,
ó vinte-e-um de abril sinistro,
que intrigas de ouro e de sonho
houve em tua formação?
Quem é culpado e inocente?
Na mesma cova do tempo
cai o castigo e o perdão.
Morre a tinta sentenças

e o sangue dos enforcados...
 - liras, espadas e cruzes
 pura cinza agora são.
 Na mesma cova, as palavras,
 o secreto pensamento,
 as coroas e os machados,
 mentira e verdade estão.
 (MEIRELES, 1983, p.13)

Em outros versos do mesmo poema é lembrado o dia 21 de abril, dia em que ocorrera a condenação de Tiradentes e que posteriormente se tornaria um feriado nacional em sua memória. Nesse fragmento já começamos a perceber uma Cecília mais questionadora. Ela se pergunta quais foram os conflitos não só visionários, mas econômicos que levaram até o momento fatídico. Se questiona como é que se definiam os culpados em detrimento dos inocentes. Todas essas questões carregadas de um tom irônico, pois as respostas já foram dispostas pelo tempo. Tempo esse que se encarregou de engoli-las, como se evidencia nos versos. Tudo e todos se encontram na mesma cova, não só os condenados e enforcados, mas também aqueles que se julgavam superiores, verdade e mentira se encontram agora no mesmo espaço.

O primeiro poema do livro intitulado como romance, se apresenta da seguinte forma: *Romance I ou da revelação do ouro*. Nele, Cecília vai abordar os caminhos que levaram o homem a descobrir tais pedras e minérios preciosos. Também desnuda a ganância dos homens que perdidos pela cobiça não tinham outra pretensão que não fosse a da riqueza. Assim, segundo os versos da autora, fora descoberto o Ouro Preto e que mais tarde se tornaria nome de uma das cidades mais belas do estado de Minas Gerais. Entretanto, o que queremos destacar é o poema que vem posteriormente, ao falar sobre a revelação do ouro e seu poder econômico, a poeta nos traz versos sobre o trabalho em torno das pedras e os conflitos gerados ao seu redor. Vejamos alguns versos do *Romance II ou do ouro incansável*:

Mil bateias vão rodando
 sobre córregos escuros;
 a terra vai sendo aberta
 por intermináveis sulcos;
 infinitas galerias
 penetram morros profundos.

De seu calmo esconderijo,
o ouro vem, dócil e ingênuo;
torna-se pó, folha, barra,
prestígio, poder e engenho.
É tão claro! - e turva tudo:
honra, amor e pensamento.

Borda flores nos vestidos,
sobe a opulentos altares,
traça palácios e pontes,
eleva os homens audazes,
e acende paixões que se alastram
sinistras de rivalidades.

Pelos córregos, definham
negros, a rodar bateias.
Morre-se de febre e fome
sobre a riqueza da terra:
uns querem metais luzentes,
outros, as redradas pedras.
(MEIRELES, 1983, p.24)

No fragmento retirado do poema verificamos uma recriação dos trabalhos forçados que ocorriam nos córregos de onde se extraíam o ouro e outros minérios. Há uma abordagem das relações escravistas, a denúncia da violência e das péssimas condições de trabalho, que levavam muitos escravizados à morte. Por exemplo, a bateia é um utensílio usado na mineração e tem a função de concentrar ao fundo os minérios retirados do solo, tal instrumento era o único material oferecido, não havia uma preocupação em garantir a segurança e a proteção. Nos versos, Cecília vai remontando os acontecimentos que seriam corriqueiros nessa situação: os trabalhadores abrindo a terra e adentrando morros profundos e escuros para tentar encontrar as pedras, que não lhes pertenceriam. Na segunda estrofe encontramos uma ironia e crítica da poeta. Descrevendo o ouro como algo muito claro, enfatiza que essa clareza logo se torna turva, pois confunde os pensamentos, a honra dos homens e logo cria tensão e conflitos. A luta pelo poder e prestígio se torna maior e aquilo que deveria se tornar um bem comum se torna individual.

A estrofe seguinte nos remete ao destino do ouro, enfeitava os vestidos, os palácios, era um adorno dos ricos e poderosos e ao mesmo tempo em que despertava paixões e poder, também propiciava a formação de conflitos. Nos últimos versos desse fragmento, Cecília aprofunda sua crítica sobre a situação dos negros escravizados, eles que pelos córregos trabalhavam extraindo as pedras, morriam de fome e febre, não tinham sequer o direito de usufruir minimamente do seu trabalho. A riqueza dos brancos e donos das minas vinha diretamente da escravidão, do trabalho forçado e desumano que mantinham sobre os negros. Aqui começamos a observar uma preocupação não só em evidenciar os conflitos dos poderosos em torno da riqueza, mas uma necessidade em demarcar as raízes das injustiças sociais que se alastram até hoje.

Em outro momento do mesmo poema, vemos uma crítica aos conflitos dos poderosos:

Por ódio, cobiça, inveja,
vai sendo o inferno traçado.
Os reis querem seus tributos,
- mas não se encontram vassalos.
Mil bateias vão rodando,
mil bateias sem cansaço.

Mil galerias desabam;
mil homens ficam sepultos;
mil intrigas, mil enredos
prendem culpados e justos;
já ninguém dorme tranquilo,
que a noite é um mundo de sustos.
(MEIRELES, 1983, p. 25)

Aqui vemos uma menção ao início da crise que gerou a conjuração: a Coroa exigindo mais tributos das capitânias. A autora elenca vários sentimentos para que fosse se formando a crise e o motim, mas o que queremos destacar nesses versos é a atenção dirigida aos escravizados que continuavam trabalhando. Quando se fala da inconfidência, o imaginário coletivo majoritariamente pensa em Tiradentes e nos conflitos internos econômicos que ocasionaram sua formação, mas muitas vezes não se fala dos escravizados que trabalhavam arduamente, inclusive para os donos das minas que se rebelavam contra as cobranças da Coroa Portuguesa. Segundo

Furtado (2006), a Inconfidência tinha um caráter elitista e a definiu como um “motim de acomodação”, porque não se tratava de uma efetiva revolução nacionalista, mas estava muito ancorada no Antigo Regime. Para tanto, o pesquisador vai evidenciar alguns conjuradores que depois de condenados receberam o perdão e voltaram a ocupar cargos de destaque. A questão fundamental não era tornar-se independente, mas reaver aspectos econômicos de seus interesses. Sendo assim, Cecília toca em um aspecto muito importante para a história: os aspectos políticos e sociais que motivaram a conjuração estavam ancorados majoritariamente nos interesses de outros brancos ricos. Os negros escravizados continuavam rodando as bateias nos córregos escuros e morrendo em condições desumanas de trabalho. Com isso, consideramos que a poeta traça um percurso muito curioso e pertinente ao enfatizar o sofrimento e as injustiças sofridas pelos escravizados.

Em outros momentos da obra há uma ênfase na vida dos escravizados, a *Parte I* inclusive, apresenta muitos versos sobre as condições arbitrárias em que viviam. Queremos destacar aqui o poema *Romance VII ou do negro nas Catas*:

Já se ouve cantar o negro,
mas inda vem longe o dia.
Será pela estrela d'alva,
com seus raios de alegria?
Será por algum diamante
a arder, na aurora tão fria?

Já se ouve cantar o negro,
pela agresteimensidão.
Seus donos estão dormindo:
quem sabe o que sonharão!
Mas os feitores espiam,
de olhos pregados no chão.
(MEIRELES, 1983, p.36)

Nas duas primeiras estrofes do poema observamos uma recriação do trabalho escravizado. Antes mesmo do dia raiar, os negros já estavam nos morros e córregos extraíndo ou tentando extrair o ouro e o minério que encontravam. Cecília traz o canto negro que se espalhava pelas terras enquanto trabalhavam, de fato, as manifestações artísticas e religiosas dos escravizados eram muito aguçadas. Mesmo que muitas vezes suas expressões

fossem boicotadas ou criminalizadas pelos brancos, não deixavam de expor e de criar, até porque são elementos de resistência, de afirmação existencial e expressão dos seus desejos. Nos versos posteriores vemos a disparidade do trabalho, enquanto os negros sacrificavam suas vidas, a procura de uma riqueza que não lhe pertencia, os donos dormiam. Sabemos que os poderosos não acompanhavam as extrações e deixavam alguns homens de sua confiança para vigiarem. Homens esses que usavam de violência para com os escravizados. A ideia de um ser humano pertencer a algum outro é absurda, mas mais absurdo é saber que não foi apenas uma ideia, foi real. Ser escravizado era sinônimo de não ter direitos, não ter vontades, estar sempre pertencendo a alguma outra pessoa, era uma condição herdada. Havia então uma objetificação do ser humano.

Ao trazer para o universo poético a situação dos escravizados, Cecília coloca em foco aspectos que foram silenciados, aborda os seus sofrimentos, suas angústias, seus desejos. Vemos que há uma focalização na figura do negro escravizado que durante muito tempo foi marginalizado e apagado. Também remonta a como os trabalhos que eram obrigados a desenvolver rendiam lucros para os brancos e donos das minas. Ou seja, o que queremos dizer é que durante muito tempo se priorizou as histórias dos movimentos dos brancos em detrimento dos negros. Em muitas outras situações esses sujeitos também ficaram esquecidos ou foram apagados propositalmente como na própria conjuração, em que se cria todo um mito de liberdade - embora econômica - mas para quem seria dirigida essa liberdade? Desse modo, é importante voltar à história e reconhecer as suas lacunas, como faz Meireles.

Ainda tendo como base o mesmo poema queremos destacar o seguinte fragmento:

Já se ouve cantar o negro.
Chora neblina, a alvorada.
Pedra miúda não vale:
liberdade é pedra grada...

(A terra toda mexida,
a água toda revirada...

Deus do céu, como é possível
penar tanto e não ter nada!)
(MEIRELES, 1983, p.37)

Vemos nos versos acima uma crítica à conjuntura social do período, em que os escravizados tinham o dever de encontrar pedras grandes e volumosas, enquanto a pedra que mais desejavam era a da liberdade. Nos últimos versos se coloca em destaque a grande dúvida e lamento, como se pode trabalhar tanto, se arriscar tanto e não ter nada. É bom lembrar que Cecília Meireles era uma mulher branca, sua capacidade crítica e reflexiva de voltar ao passado e colocar em destaque os negros, que durante muito tempo não foram lembrados como parte desse movimento é admirável. Mas também é necessário lembrar que é interessante ter uma pessoa negra escrevendo sobre essas histórias e sobre esse passado. Se retomarmos Dalcastagnè, veremos que o número de mulheres negras escrevendo literatura no Brasil é ainda menor que o de mulheres brancas. Então ao mesmo tempo em que enfatizamos a potência criadora e consciente de uma das nossas maiores poetisas, também lembramos o fato de que é necessário fazer vozes negras serem ouvidas e lidas.

Por fim, queremos analisar o nosso último poema que está intitulado da seguinte forma: *Romance XIX ou dos maus presságios*:

Acabou-se aquele tempo
do Contratador Fernandes.
Onde estais, Chica da Silva,
cravejada de brilhantes?
Não tinha Santa Ifigênia,
pedras tão bem lapidadas,
por lapidários de Flanders.

Sobre o tempo vem mais tempo,
mandam sempre os que são grandes:
e é grandeza de ministros
roubar hoje como dantes.
Vão-se as minas nos navios...
Pela terra despojada,
ficam lágrimas e sangue.
(MEIRELES, 1983, p.64)

Ao longo do seu romanceiro, Cecília Meireles vai citando personagens históricos marcantes, dentre eles o Contratador Fernandes e Chica da Silva. Fernandes foi um dos homens mais ricos e influentes no período da

mineração, é interessante ressaltar que entre os próprios detentores de terras e pedras preciosas havia conflitos e disputas, Fernandes se situava nessa conjuntura. Entretanto, o fato que pelo qual ele é lembrado na cultura popular se deve ao casamento com Chica da Silva. Chica tornou-se um marco da cultura e história do Brasil, uma mulher negra que conseguiu sua alforria e passou a viver como rica ao se casar com o Fernandes. Sua história já foi contada de diversas maneiras, incluindo uma telenovela. Ao ascender de classe social, Chica não teve uma voz a favor da abolição, muito pelo contrário, foi omissa e maltratava os escravizados que lhes serviam. Mas o que queremos evidenciar nessa primeira estrofe é o fato de que a poeta anuncia que esses personagens já foram engolidos pelo tempo, a riqueza não os fez eternos, eles também se perderam.

Ao continuar na segunda estrofe, deixa em evidência que com o passar do tempo aqueles que permanecem grandes são os que na maioria das vezes não seguem um caminho justo e honesto. Vejamos que a enunciação da palavra hoje pode fazer referência ao período em que Cecília escreve os versos, mas também não deixa de fazer conexão com os nossos dias atuais. Ainda vivemos presos a um mundo injusto, soberbo e indiferente, no qual os ricos detém o poder e para os pobres sobram as lágrimas. Nunca conseguimos nos livrar de um passado incoerente que cultivava a falsa sensação de liberdade, quando na verdade, estamos bem longe desse ideal. Assim como muitos membros da inconfidência, a maioria dos nossos políticos atuais sabem a situação dos vulneráveis, embora isso não se torne uma questão prioritária.

Seguindo o mesmo poema, queremos destacar a sua última estrofe:

Mas é direção do tempo...
E a vida, em severos lances,
empobrece quem trabalha
e enriquece os arrogantes
fidalgos e flibusteiros
que reinam mais que a Rainha
por estas minas distantes!
(MEIRELES, 1983, p.64)

Nesses últimos versos vemos uma crítica voraz aos ricos daquela capitania que enriqueciam em cima do trabalho dos pobres, que continuavam cada vez mais pobres e os ricos ainda mais poderosos. Além disso, esses homens brancos eram influentes, muitos com cargos ligados à Coroa, em suas

terras eles mesmos criaram suas leis, agindo de maneira corrupta e desonesta, se colocando acima da rainha. Novamente podemos relacionar com o nosso período atual, no qual o sistema econômico dinamiza a lógica de mercado e faz com que os pobres permaneçam na linha de pobreza enquanto trabalham para os donos de empresas que enriquecem pagando o mínimo. Vejamos que nossa formação social e cultural está formatada no nosso passado e os seus resquícios são na maioria das vezes desastrosos. Cecília com maestria consegue colocar em evidência um esquema que fez muitas vítimas no início da colonização e que não perdeu força na contemporaneidade.

Sendo assim, queremos evidenciar uma afirmação de Goldstein (1998) que vê o *Romanceiro da Inconfidência* como uma obra célebre, fazendo aparecer uma Cecília cidadã consciente. Ao transparecer múltiplas facetas da poeta, verificamos a sua potência criadora, a pesquisadora séria e a perspicaz conhecedora da História e da Literatura. Ainda segundo a estudiosa, Cecília consegue nessa obra, buscar lições do passado para direcionar ao presente, e como bem vimos, é um presente que ainda está vivo.

6 Considerações finais

Reconhecendo que a inserção das mulheres no campo literário não ocorreu de modo pacífico e receptivo, mas que foi um resultado de muitas lutas e embates sociais, tivemos a intenção de evidenciar uma produção escrita por uma de nossas maiores escritoras. Ao fazer esse recorte tivemos o cuidado de explicitar uma faceta menos conhecida e explorada de Cecília Meireles. Ao longo dos anos, a maioria das mulheres escritoras em nosso país teve sua obra rotulada e até mesmo encarada como uma literatura à parte, uma “literatura feminina”. Tal estigma carregava um caráter machista que encarava essas produções de modo inferior. Aquelas mulheres que produziam seus textos de um modo que não fosse considerado como pertencente ao “universo feminino” recebiam o rótulo de “mulheres que escreviam como homens” ou muitas vezes tinham as suas obras silenciadas. Não tivemos a pretensão de demarcar porque uma obra tão importante na carreira de Cecília foi colocada à sombra das outras, mas é bem conhecido que a vertente intimista e pessimista da poeta tomou um grande espaço, fazendo com que a mesma fosse lembrada primeiramente por essas características. Entretanto, tivemos o objetivo de expor e enfatizar a voz crítica e reflexiva que foi silenciada e esquecida em detrimento da voz pessoal.

Para tanto, recorremos ao *Romanceiro da Inconfidência*, obra com teor político e social muito bem elaborado. Cecília nos leva de volta ao passado, nos coloca diante de um acontecimento histórico e a partir disso vai remontando a raiz de nossas injustiças e de nossos preconceitos. Como já foi dito anteriormente, não é uma obra que pretende remontar o passado fielmente, mas que busca nele uma forma de pensar criticamente o presente. Também não seria uma pretensão fazer esse exercício já que estamos tratando de um texto literário e além do mais, não é possível articular o passado como ele de fato aconteceu, como bem lembra Benjamin. Mas a força da obra da poeta reside exatamente no fato de nos levar a esse universo remoto com mais cuidado, com atenção ao que se narra, atentando não só para as figuras já conhecidas, mas reconhecendo a presença e a importância dos sujeitos que estavam à margem.

Ao dedicar diversos poemas aos escravizados que tinham seus sonhos e vidas ceifados pelos brancos, ricos e poderosos, Cecília nos coloca diante de um fato que muitas vezes não é lembrado. A *Inconfidência* virou um marco histórico, como bem lembra Furtado, virou uma matéria-prima simbólica, um objeto de constantes reelaborações no âmbito da memória. Mas é preciso lembrar que as pessoas que sofriam naquela conjuntura não eram os brancos que comandavam a conjuração, mas o povo pobre que arriscava a vida trabalhando para encontrar uma liberdade que não era sua. Ao longo do romanceiro, Meireles se ancora nos dados e fatos que ficaram marcados pela historiografia, ela remonta o ideal de Tiradentes como um herói da nação, um mártir em serviço do seu povo, faz as correlações que Carvalho mencionara sobre a ideia de torná-lo um ser místico, próximo ao Cristo. Os versos que narram tais acontecimentos podem ser lidos como uma maneira de manter ativa a memória nacional que foi construída, de ratificar a força de Tiradentes e mantê-lo vivo, mas acreditamos que a potência de sua obra se faz presente nos sujeitos que ficaram marginalizados e não entraram como deveria nessa memória construída.

Sendo assim, a poeta mergulha nesse universo e vai desnudando os problemas sociais e políticos que temos desde o nosso chamado “descobrimento”. As denúncias das injustiças, dos sofrimentos são feitas de uma maneira tão bem pensada esteticamente que a leitura do romanceiro vai nos possibilitando refletir o presente. Ao escrever sua obra, Meireles escreve para o seu tempo, propicia uma reflexão em torno da sua contemporaneidade, mas ela ainda continua tão viva e real em nosso tempo que é impossível não

conectar os períodos. Infelizmente ainda sofremos demasiadamente com essas raízes perversas de nossa colonização e a literatura de algum modo nos leva a questionar e indagar as circunstâncias.

Com isso, Cecília nos revela a imagem de uma poeta consciente, que buscava inspiração na sua subjetividade, mas que também compreendia a necessidade de refletir o social. Resgatando o passado e o redesenhando de uma maneira poética, ela nos permite entrar em contato com a nossa história social e política, fazendo uma crítica que não se perde ao longo do tempo, mas que se faz necessária. Dessa maneira, trouxemos para a discussão um lado silenciado de Cecília Meireles, ou melhor, uma voz silenciada, que precisa ser revisitada, estudada e analisada. A nossa poeta precisa ser vista também como uma escritora consciente, perspicaz que trouxe contribuições importantes para pensar historicamente a nossa sociedade.

Referências

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BRANCO, L.C. As incuráveis feridas da natureza feminina. In: BRANCO, L.C. (org.). *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

CARVALHO, J.M. *A formação das almas: o imaginário da República do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COELHO, J.P. *Dicionário das literaturas portuguesa, brasileira e galega*. Porto: Figueirinhas, 1960.

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.

FURTADO, J.P. Das múltiplas utilidades das revoltas: movimentos sediciosos do último quartel do século XVIII e sua apropriação no processo de construção de nação. In: MALERBA, J. (org.). *A independência brasileira: novas dimensões*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GOLDSTEIN, N.S. *Roteiro de leitura: Romanceiro da Inconfidência de Cecília Meireles*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

GOTLIB, N.B. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: BRANDÃO, I; MUZART, Z.L. (orgs.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1991.

MAXWELL, K. Conjuração mineira: novos aspectos. *Estudos Avançados*, v. 3, n. 6, p. 04-24, 1989.

MEIRELES, C. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SOARES, A. *Gêneros literários*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.